

REPENSANDO O ENSINO DE INGLÊS ATRAVÉS DO LETRAMENTO CRÍTICO EM RONDÔNIA

LIMA, Thalison Ramon Fernandes¹
BRITO, Lucas Ferreira de²
MATOS, Anderson Silva³
MORENO, Asafe Lima⁴
SOARES, Hemilly dos Santos⁵

RESUMO: O presente estudo decorre das discussões do grupo de estudos Lentes, vinculado à Universidade Federal de Rondônia e investiga como o ensino da língua inglesa pode ser utilizado promover o letramento crítico contextualizado em Rondônia. A metodologia incluiu a análise de experiências docentes a partir da autoetnografia, permitindo a reflexão sobre as práticas pedagógicas no ensino da língua inglesa, enfatizando a importância da problematização do currículo escolar. As discussões indicam que a abordagem decolonial no ensino de inglês através do letramento crítico contribui para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico dos estudantes. Assim, a abordagem permite a desconstrução de estereótipos e amplia as possibilidades de reflexão sobre desigualdades sociais e culturais. A pesquisa sugere que a adoção dessa perspectiva pode contribuir para promover caminhos de justiça, igualdade e respeito à diversidade dentro do processo de letramento linguístico para além da sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: pedagogia decolonial; letramento crítico; autoetnografia; interculturalidade; ensino de inglês.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é consequência das conversas do grupo de estudos Lentes, vinculado à Universidade Federal de Rondônia, sobre os desafios educacionais do estado de Rondônia, precisamente na cidade de Porto Velho.

O presente texto é de cunho autoetnográfico, visto que o objetivo é descrever e discutir, por meio da escrita autoetnográfica, nossa autoformação e atuação docentes na educação básica de duas escolas no ensino fundamental no estado de

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos-UNILA, thalisonf13@gmail.com

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia, lucasbritoweb@gmail.com

³ Doutor em Linguística Aplicada e Professor Assistente na Universidade Federal de Rondônia, anderson.matos@unir.br

⁴ Graduando em Licenciatura em Letras Inglês pela Universidade Federal de Rondônia, asafelima39@gmail.com

⁵ Graduanda em Licenciatura em Letras Português pela Universidade Federal de Rondônia, hemillysoares46@gmail.com

Rondônia como professores de inglês, com as bases epistemológicas nos construtos de identidade, decolonialidade e letramentos crítico.

Assim, a proposta central do texto é apresentar contribuições no campo do letramento linguístico crítico com alunos do do ensino fundamental, visto que esta faixa etária é importante para o desenvolvimento da autonomia e consciência crítica.

Ao repensar nossas práticas pedagógicas desafiando as narrativas hegemônicas e eurocêntricas que dominam o espaço escolar, os materiais didáticos e o discurso pedagógico, autores como Walter Mignolo (2003) e Aníbal Quijano (2005) nos convidam a refletir sobre a colonialidade do saber, do poder e do ser, que se caracterizam em diferentes mecanismos de dominação física, simbólica e subjetiva na contemporaneidade. No campo da educação, podemos notar a imposição de um sistema educacional único, disciplinador, conteudista, cientificista, teológico e racista (Pinheiro, 2023)

Desta forma, buscamos contribuir com os estudos voltados para esse espaço geográfico a partir de um letramento linguístico crítico que contribua na visibilização das urgências climáticas e humanitárias que o Estado de Rondônia sofre desde a sua gênese.

A realidade local nos leva a considerar a importância de práticas educativas que não apenas informem, mas que também formem cidadãos críticos e engajados, capazes de atuar em suas comunidades de maneira consciente e transformadora.

2 METODOLOGIA

Por ser um estudo bibliográfico autoetnográfico, nos preocupamos em lançar uma análise nas nossas próprias experiências pessoais, como produto de um compromisso ético e político de fazer educação como letramento linguístico crítico, como prática de liberdade (Freire, 1967).

Por entender que a decolonialidade não é um manual de regras, mas um compromisso ético que nos convida a questionar continuamente nossas próprias práticas, pensamentos, atitudes, valores e crenças.

Ao compartilhar nossas experiências, esperamos contribuir para o fortalecimento de um ensino de inglês que não apenas questione as hierarquias impostas pela colonialidade, mas também promova novas formas de saber e existir no mundo.

Desta forma, a escolha da metodologia autoetnográfica é por entender que o ato de educar envolve toda a existência do educador crítico, visto que ele se dedica tanto a sua profissão que ela se torna parte de sua vida.

Em nosso caso, nossa existência e fazer pedagógico educacional são reflexo de nossa autoformação epistêmica decolonial, que nos possibilita enxergar a educação como um processo de libertação, de desconstrução de saberes eurocêntricos e de construção de um conhecimento plural, justo e crítico.

Nossos textos autoetnográficos não permanecem, falam ou atuam sozinhos; não são apenas textos; e não querem ser deixados sozinhos. Os textos desejam criar um diálogo ruidoso sobre histórias pessoais, desempenho e mudanças sociais (Vaz, 2022).

Uma autoetnografia voltada para a educação linguística crítica envolve também conseguir realizar uma autocrítica (Mastrella-De-Andrade, 2018). Pois, “na autoetnografia, a escrita não é um ato dissociável, mas um processo que sustenta, ou talvez constitua, a conexão do eu e o sociocultural” (Colyar, 2016, p. 431).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática pedagógica decolonial, ao orientar o letramento linguístico crítico, possibilita uma prática docente comprometida em promover aos educandos ferramentas que fomentem a autonomia e o pensamento crítico.

Com isso, evidenciamos que a construção de uma práxis decolonial não se dá de maneira linear ou homogênea, mas por meio de reflexão e ressignificação constante, direcionando o fazer pedagógico como uma ação contra a educação bancária (Freire, 1967).

Nesse sentido, para que a pedagogia decolonial se concretize, é essencial que os educadores se reconheçam como sujeitos oprimidos na mesma dimensão que seus alunos, já que todos estão subordinados à força e ao poder do estado. Isso implica uma reconfiguração da relação entre educadores e educandos, promovendo a construção coletiva do conhecimento como prática de liberdade.

3.1 Reflexões para um Letramento Linguístico Crítico

A pedagogia tradicional reforça o que Mignolo (2003) chama de "colonialidade do saber", impondo a superioridade dos conhecimentos eurocêntricos sobre as epistemologias indígenas, afrodescendentes e populares. Compreender essa perspectiva significa reconhecer a necessidade de ruptura com paradigmas hegemônicos e universalistas que historicamente orientaram a prática escolar e o ensino do inglês.

É possível que o ensino de inglês que não se limite a aprender gramática e vocabulário, mas permita aos alunos compreender as relações de poder que permeiam a língua inglesa e a cultura anglo-saxônica através do letramento linguístico crítico, promovendo um ensino que os capacite a desconstruir estereótipos e preconceitos, a identificar a manipulação na mídia e a defender seus próprios valores e culturas.

[o] fato de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir de um lugar epistêmico subalterno. Justamente, o êxito do sistema-mundo colonial/moderno reside em levar os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial a pensar epistemicamente como aqueles que se encontram em posições dominantes. (Bernardino-Costa e Grosfoguel, 2016, p. 19)

Não queremos aqui trazer dicas ou alguma forma de solução, pois sabemos que cada contexto, cada escola e cada sala de aula apresentam desafios diversos que precisam ser identificados e trabalhados de maneira séria.

Buscamos reforçar que o letramento crítico no ambiente escolar e fora dele possibilita uma leitura do que é bom, do que vale a pena, logo, do que não é bom. Se esses processos não se produzem democraticamente, se não se produzem dialogicamente, debatendo, argumentando, contra-argumentando num espaço de liberdade de pensamento, então é previsível que a colonização mental, a dominação ideológica continue a ocorrer.

3.2 Repensando a Educação: Práticas Pedagógicas Decoloniais na Realidade Escolar de Rondônia

Em nosso contexto local, um dos principais desafios como educador é como integrar a realidade dos alunos em Rondônia. Nesse sentido, trabalhar com textos da revista internacional Conectas que abordam a luta dos povos indígenas de

Rondônia, como os Paiter Suruí, por exemplo, não se trata apenas de ensinar uma língua adicional. Trata-se de provocar uma reflexão sobre as relações de poder e os desafios ambientais que esses povos enfrentam.

Por exemplo, ao trabalhar com a Canção da Amazônia do Greenpeace, uma música ativista amazônica que aborda questões como o desmatamento e a luta por direitos indígenas, buscamos promover uma reflexão em sala de aula sobre como a música se torna uma forma de resistência cultural.

Ao analisar a letra dessa música em inglês, nossos alunos não apenas praticam suas habilidades de escuta, mas também se posicionam frente a um problema global com implicações locais. Desta forma, é possível que o educador proponha uma reflexão sobre a língua inglesa não apenas como uma língua "estrangeira", mas um possível veículo de resistência cultural por meio da perspectiva do inglês como língua franca.

Na sala de aula, promovemos a prática da gravação de pequenas entrevistas em áudios, incentivando os alunos a entrevistar seus familiares ou membros de suas comunidades sobre as tradições, histórias e desafios locais.

Ao transcrever essas entrevistas para o inglês, os estudantes não só aperfeiçoam seu vocabulário do idioma, mas também exercem sua capacidade de comunicar suas próprias histórias, que ficam muitas vezes à margem dos discursos oficiais.

Um projeto de letramento crítico envolve a leitura e análise de discursos sobre os problemas ambientais em Rondônia, como a poluição do ar em Porto Velho, que sofre com queimadas recorrentes e uma crise de qualidade do ar durante o período seco.

Além disso, ao escrever pequenos comentários em inglês sobre a poluição em Rondônia, simulando um comentário de uma notícia, os alunos teriam a oportunidade de expressar suas opiniões e propor soluções, exercendo seu direito de se posicionar criticamente sobre questões que afetam diretamente suas vidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho decolonial é, acima de tudo, um processo de reflexão e ação contínua, onde cada um de nós deve se desafiar a identificar e transformar as

estruturas coloniais e opressivas que moldam nosso cotidiano e nossas práticas.

Desta forma, por meio de uma autocrítica constante é possível buscar caminhos de justiça, igualdade e respeito à diversidade no processo de letramento linguístico para além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

COLYAR, J. E. **Reflections on Writing and Autoethnography**. In: JONES, S.; ADAMS, T. E; ELLIS, C. (Org.). Handbook of Autoethnography. New York: Routledge, 2016. p. 425- 447.

FREIRE, Paulo, **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1967

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL. Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Revista Sociedade e Estado. v.31, n.1, jan./abr., 2016.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. Ser crítica: uma história (sempre) incompleta. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE-MÓR, W. (Org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 185-198. Disponível em: https://www.academia.edu/39980426/Perspectivas_criticas_ebook. Acesso em 22/02/2025.

MAZZUCATO, M. **O Estado empreendedor: Desmascarando o mito do setor público vs. setor privado**. Portfolio-Penguin, 2014.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais - Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Editora UFMG, 2003.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares: **Como ser um educador antirracista**. Livro eletrônico/Bárbara Carine Soares Pinheiro. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023, ePUB.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocetrismo e América Latina**. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

VAZ, Raphael Barreto: **Neocolonialismo : tratamento critico, decolonialidade e educação linguística crítica tensionados numa autoetnografia**. Raphael Barreto Vaz. – Curitiba, 2022.